

Juvenal, Rodrigo Vignoli
SOBRE O ESPAÇO E A PERCEPÇÃO NO MINIMALISMO:
Notas sobre obras de Robert Morris e Dan Flavin



AIS
THE

**SOBRE O ESPAÇO E A PERCEPÇÃO NO MINIMALISMO:
Notas sobre obras de Robert Morris e Dan Flavin**

Rodrigo Vignoli Juvenal
Artes Visuais/Unicamp

Resumo: A intervenção no espaço e a participação do observador, a partir de alterações em sua percepção, são elementos constituintes dos trabalhos minimalistas. A partir da análise de obras de Robert Morris e Dan Flavin, têm-se exemplos dessa característica que foi denominada como experiência, ou teatralidade.

Palavras-chave: Minimalismo, percepção, espaço, Robert Morris, Dan Flavin.

Abstract: The intervention in space and participation of observers, from changes in their perception, are elements of the minimalist works. From the analysis of works of Robert Morris, Dan Flavin, has been examples of this characteristic which was termed as experience, or theatricality.

Key-words: Minimalist, perception, space, Robert Morris, Dan Flavin.

Em Nova York, no início da década de 1960, vários artistas começaram a expor, de maneira independente, trabalhos tridimensionais que se apresentavam sob uma configuração simples, e receberam várias designações, como *ABC Art*, arte literal, ou como é comumente designada *Minimal Art* – Minimalismo.

Diversas contradições sobre a natureza da arte minimalista são apontadas por críticos e historiadores da arte, como a designação nominal mais adequada para estes trabalhos, e até mesmo sobre os significados destas obras. Indiferente destas questões, alguns pontos podem ser percebidos em comum: são abstratas, não estão separadas do espaço do espectador, e a natureza dos materiais que a compõem não é disfarçada, são literais, não escondem sua origem industrial. Além destas características, podemos citar ainda, aquilo que Michael Fried chamou de teatralidade, e que Roselind Krauss atribuiu à experiência: o espaço e a percepção.

Juvenal, Rodrigo Vignoli
SOBRE O ESPAÇO E A PERCEPÇÃO NO MINIMALISMO:
Notas sobre obras de Robert Morris e Dan Flavin

Neste trabalho procuraremos demonstrar como estes elementos, percepção e espacialidade, estão implicados no processo construtivo das obras minimalistas.

Para tal, nos apoiaremos nos estudos da psicologia da forma, a *Gestalt*, e do filósofo Maurice Merleau-Ponty sobre espaço e percepção, e também, através da análise de obras de Robert Morris e Dan Flavin.

Espaço e percepção

O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), utilizando do método fenomenológico e transitando entre a psicologia e a biologia, tem como preocupação a relação entre a consciência e o mundo, ou seja, de que modo o sujeito, e seu corpo, se estabelecem no mundo que os cerca. Segundo Merleau-Ponty, “o espaço não é um ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível”(Merleau-Ponty, 1996, p. 328), isso significa que o espaço não é algo que se impõe, ao contrário, se constrói a partir da experiência humana, logo, só existe se houver um sujeito que o construa – “vivo nas coisas e considero vagamente o espaço ora como um ambiente das coisas, ora como seu atributo comum, [...] e percebo então que elas só vivem por um sujeito que as trace e as suporte”(Merleau-Ponty, 1996, p. 328).

Assim, o corpo do sujeito emerge como ponto referencial e criador da espacialidade:

O contorno do meu corpo é uma fronteira que as relações de espaço ordinárias [geométricas] não transpõem. Isso ocorre porque suas partes se relacionam umas às outras de uma maneira original. (Merleau-Ponty, 1996, p. 143)

Lido com o espaço geométrico cujas dimensões são substituíveis, tenho a espacialidade homogênea e isotrópica, posso pelo menos pensar numa pura mudança de lugar que não modificaria em nada o móbil e, por conseguinte, uma pura *posição*, distinta da *situação* do objeto em seu contexto concreto. (Merleau-Ponty, 1996, p. 328)

Podemos, ainda, recorrer à *Gestalt*, vertente da psicologia que explica o comportamento humano como sendo a resultante de processos perceptivos (percepções, sensações), para compreender melhor esta relação entre consciência, realidade e espaço.

Juvenal, Rodrigo Vignoli
SOBRE O ESPAÇO E A PERCEPÇÃO NO MINIMALISMO:
Notas sobre obras de Robert Morris e Dan Flavin

Quem quer que olhe para o mundo ao seu redor, dizem os gestaltistas, verá no campo visual um certo número de objetos, talvez mesas, cadeiras, nuvens, árvores. Porém, em todos os casos serão objetos, e há duas implicações para este fato. A primeira é a que o sujeito não vê um conjunto de sensações, mas sim totalidades. A segunda é que as totalidades são isoladas e separadas de um fundo. Não somente totalidades, mas totalidades separadas.

Pensar o espaço é, portanto, observar o diálogo entre a consciência e os objetos que a circundam: quais aspectos da realidade são primeiro percebidos, como se dispõem diante dos demais objetos à sua frente ou ao lado e atrás do observador, que estímulos recebem e o que provocam. É como um jogo constante de figura e fundo no qual o observador decide em que se fixará.



[IMAGEM 1]

Se o espaço corporal e o espaço exterior formam um sistema prático, o primeiro sendo o fundo sobre o qual pode destacar-se ou o vazio diante do qual o objeto pode *aparecer* como meta da nossa ação, é evidente na ação que a espacialidade do corpo se realiza, e a análise do movimento próprio deve levar-nos a compreendê-la melhor. Considerando o corpo em movimento, vê-se melhor como ele habita o espaço (e também o tempo), porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assume ativamente, retoma-os em sua significação original. (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 149)

Tais noções de espaço e percepção são fundamentais para o minimalismo, como testemunham os críticos R. Krauss, o “significado depende do vínculo dessas formas com o espaço e a experiência”(Krauss, 1998, p. 319), e M. Fried, “a arte literalista é a de um objeto em uma situação – que virtualmente por definição, *inclui* o observador”(Fried, 2003,

Juvenal, Rodrigo Vignoli
SOBRE O ESPAÇO E A PERCEPÇÃO NO MINIMALISMO:
Notas sobre obras de Robert Morris e Dan Flavin

p. 134), e até pelo próprio artista Robert Morris ao falar sobre a *Gestalt*, a propósito de suas obras (Morris, R. *Notes on sculpture part 2. Apud: Fried, 2003, p.133*).

Ou ainda, quando pensamos nos materiais utilizados nas construções dos objetos (elementos industriais e da construção civil) e o modo como são apresentados (não estão emoldurados, nem em pedestais, mas dispostos no ambiente), são indicadores de que o espectador deve dialogar com o objeto, uma vez que a distância entre ambos parece ser anulada.

Robert Morris

Dentre os minimalistas, talvez, na obra de Robert Morris é onde a preocupação com o espaço e a percepção seja mais evidente.

A produção recente de boa qualidade extrai relações do trabalho e faz delas uma função do espaço, da luz, e do campo de visão do espectador. O objeto é tão somente um dos termos da nova estética. Essa é de certo modo mais reflexiva, porque a consciência que alguém tem de si mesmo existindo no mesmo espaço que o trabalho é mais forte que em trabalhos anteriores, com suas muitas relações internas. (Morris, R. *Apud Fried, 1993, p. 135*)

Essa consciência de que o resultado final da obra não é o objeto em si, mas é o conjunto de sensações provocadas pelos elementos sólidos, pela luz e pelo direcionamento do olhar do espectador, se revela em obras como a instalação de 1964 na Green Gallery, em Nova York, as três peças L, de 1965, ou os cubos espelhados, de 1965/71.

Na instalação de 1964 temos um conjunto de diversas formas paralelogramas: uma delas suspensa, uma que se coloca como uma trave diagonal entre duas paredes, outra formando um ângulo reto oposto ao da parede-chão, e uma totalmente apoiada no chão, no centro da sala, além de uma peça triangular que esconde um dos vértices da sala. É evidente que este trabalho pode ser visto de diversas formas, mas é certo que nenhuma das possibilidades de visão é geométrica, analítica, ou individualizada (parte por parte), ela só pode ser apreendida na sua totalidade, e em função da posição do espectador.

<http://artintelligence.net/review/wp-content/uploads/2008/03/morrisinstallgreengal61hq.jpg>

Juvenal, Rodrigo Vignoli
SOBRE O ESPAÇO E A PERCEPÇÃO NO MINIMALISMO:
Notas sobre obras de Robert Morris e Dan Flavin

[IMAGEM 02]

Robert Morris. Instalação na Green Gallery, Nova York, 1964.

Poderíamos aqui especular sobre todas as possibilidades de percepção deste conjunto, mas, apenas para indicar algumas, basta pensarmos em como a percepção se alteraria se nos posicionássemos debaixo da peça suspensa, ou se encarássemos a peça central, apoiada no chão, de maneira horizontal, não veríamos o espaço vazado entre os ângulos retos do objeto à esquerda, em primeiro plano da imagem acima, nossa visão apresentaria apenas um objeto retangular.

Nos objetos em L, temos três objetos idênticos (243,8 x 243,8 x 60,9) dispostos de modos diferentes num mesmo ambiente: um apoiado em suas duas extremidades, um outro baseado na relação vertical-horizontal, e o terceiro apoiado completamente em sua lateral. Apesar de ser possível identificar as três peças como idênticas, devido a fatores estruturais (forma e dimensões), a apreensão do conjunto não permite isso, pois “no momento da experiência, ou na experiência, os Ls derrotam essa lógica e tornam-se ‘diferentes’”(Krauss, 1998, p. 319).

<http://www.mcah.columbia.edu/dbcourses/item.cgi?template=submagnify&id=14213&table=items>

[IMAGEM 03]

Robert Morris. [Sem título], 1965.

O espectador torna-se mais consciente do que antes do fato de estar ele mesmo estabelecendo relações, uma vez que apreende o objeto a partir de posições variadas e sob condições variáveis de luz e contextualização espacial. (Morris, R. *Apud* Fried, 1993, p. 135)

Uma das experiências visuais possíveis, neste caso, seria significar o L com o motivo de decoração do piso da sala em que as peças foram alocadas; de Ls passariam, ao menos duas delas, para setas em sentido diverso, de acordo como o espectador se coloca no ambiente.

Juvenal, Rodrigo Vignoli
SOBRE O ESPAÇO E A PERCEPÇÃO NO MINIMALISMO:
Notas sobre obras de Robert Morris e Dan Flavin

Podemos mencionar, ainda, o conjunto de cubos fabricados com madeira e espelho (91,4 X 91,4 X 91,4), e como sua presença no espaço que ocupa pode ser anulada ao refletir ora o piso, ora as paredes, ou ampliando a profundidade visual ao refletirem a si mesmos.

<http://www.mcah.columbia.edu/dbcourses/item.cgi?template=submagnify&id=3682&table=items>

[IMAGEM 04]

Robert Morris. [Sem título], 1965/71.

Dan Flavin

Se com Morris a influência da *Gestalt* e a preocupação com a percepção são preponderantes, com Dan Flavin o espaço surge como elemento final de suas propostas, sua obra é “linear e atmosférica, e não planar e local” (Batchelor, 1999, p. 51).

As obras de Flavin são constituídas por luzes fluorescentes e seus suportes, sempre à mostra e nunca escondidos; suas propostas criam um objeto ótico difundido pelo espaço, capaz de envolver todo o ambiente circundante e alterar a percepção do espectador. Donald Judd descreve as propriedades de uma das propostas de Flavin:

Um único tubo de luz fluorescente branca foi colocado em diagonal numa parede de aproximadamente 3,35 por 3,35 metros (...) Ele faz da parede inteira uma área inteligível. (...) O tubo é de um branco bastante diferente, em cor e textura, do branco pintado da caixa que o sustenta. Esta produz uma sombra definida ao longo de sua extensão. A luz é amplamente distribuída sobre a parede. Ela é um objeto industrial e familiar.(Judd, D. *Apud*: Batchelor, 1999, p. 31-32)

Flavin organiza tubos de luzes de dimensões diferentes, de maneiras diferentes, e muitas vezes, de cores diferentes. Tomaremos aqui como referência as obras *Ursula one and two picture 1/3*, de 1964, e uma proposta dedicada a Léo Castelli, de 1989.

Em *Ursula one and two picture 1/3* temos um retângulo de luzes que inundam o ambiente numa atmosfera azul. A obra não se restringe a uma forma geométrica luminosa, mas engloba e transforma o ambiente modificando-o, e ao mesmo tempo estimulando e

Juvenal, Rodrigo Vignoli
SOBRE O ESPAÇO E A PERCEPÇÃO NO MINIMALISMO:
Notas sobre obras de Robert Morris e Dan Flavin

envolvendo o espectador; o entorno da obra é mais do que um pano de fundo, ele joga e recria o espaço da sala.

O nome da obra denota a modificação do espaço pela proposta de Flavin: *one and two pictures*, 1 - o retângulo luminoso e, 2 - a sala inundada pela luz.

http://www.ifcs.ufrj.br/~aisthe/imagem_05.jpg

[IMAGEM 5]

Dan Flavin. *Ursula one and two picture1/3*, 1964.

Na proposta dedicada a Léo Castelli temos uma grade de lâmpadas verticais e horizontais, viradas para lados opostos, fixadas de maneira diagonal às paredes; as lâmpadas são coloridas. Da mesma forma que em *Ursula one and two picture1/3*, o espaço se torna parte do objeto, é onde as luzes são irradiadas e se misturam, “ao espectador cabe calcular, se assim optar, a ordem e a cor dos tubos que estão escondidos da vista olhando as piscinas de luz colorida que se fundem nas paredes circundantes.” (Batchelor, 1999, p. 54).

http://asymptotia.com/wp-images/2007/07/Dan_Flavin_1.jpg

[IMAGEM 6]

Dan Flavin. Sem título (para Léo Castelli), 1989.

Sobre as obras minimalistas, Giulio Argam as define como

corpos coloridos em várias dimensões, muitas vezes transitáveis e, portanto, fruíveis como ambientes. Inseridos no espaço real, definem-no como *campo* (...), porém, não é colocada como arquetípica ou modular, ou seja, como chave de interpretação da realidade, e sim como inserção que determina e define uma situação espaço-visual concreta. (Argam, 1998, p.573)

As obras de Flavin são exemplos concretos dessa intervenção espacial, pois se realizam na transformação do espaço em que estão instaladas, modificando as paredes nas quais estão fixadas suas luzes e alterando a percepção visual do espaço entorno.

Juvenal, Rodrigo Vignoli
SOBRE O ESPAÇO E A PERCEPÇÃO NO MINIMALISMO:
Notas sobre obras de Robert Morris e Dan Flavin

Considerações finais

Se a espacialidade não deve ser entendida como uma dimensão puramente geométrica e predeterminada, mas ao contrário, é definida a partir da experiência de um sujeito em determinada situação, conforme Merleau-Ponty assinala em *Fenomenologia da percepção*, e se críticos como Argam, Fried, Krauss, testemunham a força que as obras minimalistas possuem de transformação do ambiente e da maneira como as percebemos, nos parece evidente que a proposição inicial deste trabalho é certa. Há no trabalho de minimalistas como Morris e Flavin um particular interesse em possibilitar ao espectador participar da obra, na medida em que o fruidor determina o aspecto final dos objetos, e isso não de maneira inconsciente, mas intencional, pois fazem do espaço e das possibilidades de percepção elementos constitutivos de seus trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

- ARGAM, G. C. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BATCHELOR, D. *Minimalismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.
- BAYER, R. *História da estética*. Lisboa: Estampa, 1997.
- FRIED, M. Arte e objetividade. In: *Arte e ensaios*, Rio de Janeiro, UFRJ, ano 10, n. 10, p. 131-147, 2003.
- HEIDEBREDER, E. *Psicologia do século XX*. São Paulo: Mestre Jou, s/d.
- KRAUSS, R. *Caminhos da escultura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- REALE, G. *História da filosofia: do romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2003.
- <http://www.csus.edu/indiv/o/obriene/art112/Lectures/Minimalism.ppt>

[Recebido em maio de 2008; aceito em julho de 2008]